

A propósito do livro

**“A Lista do Padre Carreira”, de António Marujo**

Esther Mucznik

A história que António Marujo conta neste livro é uma história de um homem, o Padre Joaquim Carreira, nascido no concelho de Leiria e que mais tarde, já como reitor do Colégio Pontifício Português em Roma, não hesitou, em plena ocupação nazi da Itália (43/44), em arriscar a sua segurança e do próprio Colégio, acolhendo e escondendo cerca de meia centena de pessoas, que corriam risco de vida: resistentes, jovens refractários ao recrutamento forçado, comunistas ou judeus perseguidos pelas leis raciais... Os motivos desta atitude são-nos revelados no livro e constam de um relatório do próprio Padre: “A hospitalidade está na base da caridade cristã e a exemplo de todas as comunidades religiosas de Roma, achei que a devia oferecer a pessoas perseguidas (...) na base de leis injustas e desumanas”.

É uma história aparentemente simples, mas não tanto. Na Itália fascista de Mussolini, mesmo antes da ocupação nazi, já vigorava um regime de excepção, apoiado numa temível polícia secreta, tribunais especiais para julgar crimes considerados lesivos à segurança do Estado, censura, expulsão e perseguição violenta de milhares de opositores. E a partir de 1938, começa uma campanha antissemita contra os judeus que os vai destituindo de todos os direitos. Numa entrevista, a célebre pianista Nella Maissa, recentemente falecida, afirmou: “Deixámos de ser gente. Não tínhamos direitos. Qualquer pessoa podia matar-nos, porque nós judeus nem sequer eramos considerados gente. Foi nesta situação horrorosa que decidimos partir de Itália.” Como se sabe Nella veio para Portugal e veio a tempo porque mais tarde com a ocupação nazi da Itália a situação piorou drasticamente, nomeadamente para os resistentes e para os judeus muito dos quais foram deportados para os campos de morte – Primo Levi, para Auschwitz – mas para todos os que se opunham ao fascismo e ao nazismo.

Menciono estas questões para contextualizar a actuação do Padre Carreira que agiu no ano em que mais judeus europeus foram deportados e assassinados, o ano em que os nazis acoitados recorrem aos métodos mais bárbaros... O risco era de facto real:

António Marujo cita um dos refugiados, Domenico Vitiello, que conta que “Um dia, os alemães fecharam as duas extremidades da rua e entraram nas casas à procura de judeus. Os refugiados, sempre acompanhados pelo Padre Carreira subiram ao terraço onde se depararam com desconhecidos, também fugitivos que tinha entrado às escondidas pelo telhado em busca de abrigo. Entretanto assistiram a cena de uma mulher que desesperada se atirou de uma janela para a rua, tendo morte imediata. “Os alemães encolhem os ombros... uma filha de Israel a menos.” “Os padres arriscavam-se a muito – e sabiam-no.”, conclui Domenico.

António Marujo revela-nos um homem, padre, aviador às suas horas, amante da fotografia, escritor de obras de piedade cristã, mas também de obras em que revela o seu gosto e talento para a foto. Mas sobretudo alguém que movido pela compaixão e piedade faz o que podia e que não podia para salvar o máximo de pessoas: para além da meia centena que alberga no colégio, consegue alojar cerca de 100 mulheres e crianças em três casas religiosas de Roma e esforçando-se dia e noite para arranjar algum sustento para essas pessoas. Escreverá mais tarde em 1981: “O muito trabalho na maior parte da minha vida foi arranjar celeiro para Deus e meus irmãos. Quando recordo os saltos que deu este coração e as voltas do meu miolo cerebral ao meter dentro da casa que a Providência me entregou (o colégio português) tantos refugiados judeus, inclino a cabeça, cheio de respeito pelo dom da vida que me foi concedido ao guardar aquela pobre gente. Deus estava lá. (...)”

Joaquim Carreira morreu a 7 de Dezembro de 1981 em Roma, sendo o seu corpo trasladado para a Caranguejeira, sua terra, só 20 anos depois. Em 2014 foi distinguido com a medalha dos “Justos entre as Nações” atribuída pelo Yad Vashem – Instituto nacional para a Memória, Educação e Investigação de Jerusalém, Israel, atribuída a todos os não judeus que arriscando a sua vida e segurança salvaram judeus durante a guerra. A medalha e o respectivo certificado de Justo foram entregues ao sobrinho numa cerimónia na sinagoga de Lisboa em 2015 no dia do Yom Hashoá, dia do Holocausto. Na medalha está escrito, “Quem salva uma vida salva o universo inteiro – O povo judeu reconhecido.”

A divisa que norteou a vida deste Padre está expressa na seguinte frase com que termina uma das suas últimas cartas: “Quem dá, parece-se com Deus.” Uma frase que nós judeus partilhamos no essencial: Interpretando a máxima “Somos criados à imagem de Deus”, é precisamente esta ideia – a de “imitar” Deus, seguindo os seus caminhos que está subjacente à máxima judaica de “Tikun Ha Olam”, consertar o mundo...

António Marujo escreve que em Roma o Padre Carreira não foi a excepção ao salvar judeus acolhendo-os no seu colégio. A sua investigação cuidada comprova essa realidade: numerosas casas, conventos e instituições do Vaticano, acolheram vítimas de perseguição, incluindo judeus, comunistas ou resistentes antinazis. E não só em Roma ou em Itália, em numerosos países, toda a minha própria pesquisa sobre a Shoah demonstra que numerosas freiras, padres e todo o tipo de instituições católicas, acolheram, esconderam e salvaram nomeadamente crianças judias, correndo riscos imensos e pagando frequentemente com a própria vida. A França é disso um exemplo flagrante.

Também o capítulo dedicado à acção do Papa Pio XII é exemplar da seriedade do trabalho do António Marujo não se furtando a colocar, com base numa pesquisa aprofundada, as críticas de que foi alvo a acção do Papa durante o Holocausto, em paralelo com aqueles que justificam a sua acção. O autor do livro demonstra o que penso que hoje é pacífico: o Papa Pio XII tentou fazer da sua Igreja um espaço de asilo aos perseguidos e de mediação diplomática. No seu livro “Os Judeus do Vaticano”, o historiador israelita Avraham Milgram também demonstra que entre 1939 e 1942, o esforço do Vaticano e do Papa conseguiu salvar a vida de 1000 judeus baptizados (católicos não-arianos) da Alemanha, conseguindo vistos para o Brasil.

Não será tanto esse aspecto que está em causa na acção papal durante a Shoah. O que está em causa, o fulcro da polémica, considera António Marujo, é a estratégia escolhida pelo Papa Pio XII do silêncio público relativamente ao massacre judaico. Sabemos que este não foi apanágio exclusivo de Pio XII: os Aliados, a começar pelo EUA, a Cruz Vermelha Internacional, governos e instituições preferiram optar pelo silêncio, apostando na derrota nazi. O autor mostra o dilema de um Papa dividido

entre as suas convicções pessoais e o receio de que qualquer tomada de posição clara fosse mais prejudicial para as vítimas judias ou cristãs; um Papa cercado, espiado: “O Vaticano foi talvez mais vigiado pelos nazis do que qualquer outro alvo de espionagem durante a segunda Guerra Mundial”, lê-se no livro.

Concordo que este é o problema central, mas muito difícil de julgar. Porque apesar da força simbólica da voz do Chefe da Igreja Católica, na verdade não sabemos se ela se tivesse feito ouvir de forma clara inequívoca, não sabemos se isso teria contribuído para parar o extermínio ou pelo menos para o salvamento de muito mais vidas. Os “ses” não existem na história. Mas infelizmente o que sabemos, e o que infelizmente é certo, é que durante o Holocausto foram exterminados seis milhões de judeus, perto de 200 mil ciganos, homossexuais, resistentes, e talvez uma voz com tanto peso como a do Papa tivesse alguma consequência... É provável, mas nunca o saberemos.

Seja como for, o choque do horror do Holocausto teve um impacto profundo na consciência católica e contribuiu decisivamente para o início de uma profunda mudança na posição oficial católica relativamente ao judaísmo e nas relações entre judeus e cristãos. António Marujo salienta os passos principais no caminho percorrido desde o Concílio do Vaticano II até à actualidade, confirmando a origem judaica do cristianismo, nomeadamente na pessoa de Jesus e a condenação inequívoca do antissemitismo. Marujo destaca o mês de março de 2000 em que o Papa João Paulo II junto ao Muro das lamentações em Jerusalém pede perdão pelo sofrimento dos judeus, “estes Teus filhos”....

Para terminar quero apenas recomendar vivamente a leitura deste livro de António Marujo. Contando a bela história do Padre Carreira é também todo o período no pós-guerra de profunda mudança da Igreja no que respeita às relações com o judaísmo que nos é contada com rigor, honestidade e espírito aberto e solidário do seu autor.

Feira do Livro de Lisboa

4 de junho 2016